



PNEUMATOLOGIA



Missão

Promover um ensino que permita o desenvolvimento do indivíduo de modo integral, visando sua autonomia intelectual e a autorrealização, formando profissionais críticos e reflexivos com visão generalista e multidisciplinar, conscientes de seu papel social.”



Valores

A confiança, sensibilidade, flexão, justiça, honestidade, autodesenvolvimento, respeito ao próximo e percepção, empatia, descentralização e nobreza de espírito.”



Visão de futuro

Ser uma Instituição de Ensino Superior (IES) reconhecida pela excelência nos serviços educacionais, meios para que a sua comunidade acadêmica realize, em sua plenitude, as legítimas aspirações da pessoa humana, atuando em perfeita sintonia com a sociedade apoiada em valores éticos inalienáveis, buscando sempre a racionalização de recursos e a otimização de resultados, comprometida com as transformações do seu tempo.

Princípios institucionais

- ✿ Ética, consciente de sua responsabilidade social e compromissada com os valores de justiça, igualdade e fraternidade;
- ✿ Atuante no resgate da cidadania, na formação do cidadão como ser ético e político, consciente de suas responsabilidades, de seus direitos e deveres;
- ✿ Aglutinadora, aberta a todo o saber, crítica, criativa e competente;
- ✿ Comprometida com resultados;
- ✿ Aberta a parcerias e alianças com outras instituições, objetivando desenvolver programas de integração;

SOBRE A AUTOR:**Prof. Erico Tadeu Xavier (PHD)****FORMAÇÃO ACADÊMICA**

Pós-Doutorado pela FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, BH (2021) tendo como tema o Pentecostalismo Brasileiro. Pós-Doutorado pela FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia BH (2014) sobre a Eclesiologia Missiológica de Orlando Costas e sua relação com a América Latina. Doutorado em Ciências da Religião - Atlantic International University (2019). Doutorado em Ministério - Livre pela Faculdade Teológica Sul Americana, Londrina, PR (2004). Doutorado (PhD) em Philosophy in Theology - South African Theological Seminary (2011), reconhecido pela PUC, RJ. Mestrado em Ciências da Religião - Universidad Evangelica de las Americas, Costa Rica (2008), reconhecido pela EST, São Leopoldo, RS. Pós-Graduação em Aconselhamento Pastoral - UniBF, (2020). Especialização em Missão Urbana e Crescimento de Igreja – FTSA (2009). Bacharel em Teologia - Universidad Evangélica de las Américas, Costa Rica (2007). Bacharel em Teologia – Faculdade de Teologia de Boa Vista (2006). Professor de teologia ensino superior com experiência na área de Teologia Sistemática e Missão. Atuando principalmente nos seguintes temas: pneumatologia, soteriologia, escatologia, temas em apocalipse, missão integral, teologia bíblica de missão, pentecostalismo, ecologia, meio ambiente e responsabilidade cristã. Autor de 22 livros e mais de 170 artigos.

APRESENTAÇÃO

Caro/a estudante,

Este EBOOK destina-se aos alunos do curso de Teologia da Faculdade Malta-FACMA. Torna-se essencial para a formação profissional do Teólogo, através da disciplina PNEUMATOLOGIA, conhecer as controvérsias a respeito do Espírito Santo, nos primeiros séculos, da era cristã, e entender pelas Escrituras Sagradas a Sua divindade e os dons por Ele concedido aos novos crentes/conversos.

Na Unidade 1 “A CONTROVÉRSIA SOBRE A DIVINDADE DO ESPÍRITO SANTO” – tem como propósito estudar a controvérsia sobre a divindade do Espírito Santo no século IV d.C. O termo “controvérsia” significa discussão ou debate regular de algum assunto ou tema. De certa forma, esta controvérsia contribuiu para firmar a fé da Igreja na formação de sua Doutrina. A Igreja forçosamente reagiu, formulando a doutrina sobre a divindade do Espírito Santo, já que, até meados do mesmo século, o tema divindade do Espírito não se havia feito em reflexão sistemática. Até então, falava-se sobre a ação do Espírito Santo, mas não do Espírito Santo. Objetiva-se ainda conhecer os defensores da fé sobre o Espírito Santo e entender o Concílio de Constantinopla e a divindade do Espírito Santo.

Na Unidade 2 “O ESPÍRITO SANTO E OS DONS NO NOVO TESTAMENTO” vamos conhecer os dons espirituais dados pelo Espírito Santo conforme aparecem no Novo Testamento. O estudo procurará entender a importância dos dons espirituais para a Igreja, conforme orientam os escritores bíblicos, especialmente dos escritos do apóstolo Paulo e mostrar as evidências da relevância dos dons espirituais aos cristãos atuais e conselhos sobre o uso adequado dos dons do Espírito para edificação da Igreja.

Avante!

Prof. Erico Tadeu Xavier (PhD)

SUMÁRIO

SOBRE A AUTOR:	3
FORMAÇÃO ACADÊMICA	3
APRESENTAÇÃO	4
A CONTROVÉRSIA NO SÉCULO IV	7
ATORES EM DEFESA DA FÉ.....	9
O CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA.....	11
A DIVINDADE DO ESPÍRITO SANTO NAS ESCRITURAS	12
A ETERNIDADE	12
A ONIPRESENÇA	13
A ONISCIÊNCIA	13
A ONIPOTÊNCIA	13
A DIVINDADE PROVADA POR MEIO DAS SUAS OBRAS	14
O ESPÍRITO SANTO É CRIADOR E DOADOR DA VIDA.....	15
NA RESTAURAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA OBRA CRIADA	16
NA SUA ATUAÇÃO NO HOMEM	16
REGENERA E SALVA.....	16
HABITA NO CRENTE.....	17
INCLUI NO CORPO DE CRISTO	17
A OBRA DO ESPÍRITO SANTO EM RELAÇÃO À PESSOA DE JESUS CRISTO	19
SUGESTÃO DE LEITURA – ARTIGO	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
HORA DE REVISAR	21
REFERÊNCIAS	22
UNIDADE 2 - O ESPÍRITO SANTO E OS DONS NO NOVO TESTAMENTO	23

O ESPÍRITO SANTO E OS DONS ESPIRITUAIS	23
OS DONS ESPIRITUAIS NO NOVO TESTAMENTO	27
DEFINIÇÃO DOS DONS	32
AS LÍNGUAS NA HISTÓRIA E NAS RELIGIÕES PAGÃS	37
SUGESTÃO DE LEITURA – LIVROS	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
HORA DE REVISAR	48
REFERÊNCIAS	49

UNIDADE 1 - A CONTROVÉRSIA SOBRE A DIVINDADE DO ESPÍRITO SANTO

Objetivos:

- 1. Estudar a controvérsia sobre a divindade do Espírito Santo no século IV d.C.**
- 2. Conhecer os defensores da fé sobre o Espírito Santo.**
- 3. Entender o Concílio de Constantinopla e a divindade do Espírito Santo.**

A palavra controvérsia reflete bem o que ocorreu em meados do século IV (d.C.), acerca da divindade do Espírito Santo. O termo “controvérsia” significa discussão ou debate regular de algum assunto ou tema (FERREIRA, 1995). De certa forma, esta controvérsia contribuiu para firmar a fé da Igreja na formação de sua Doutrina. A Igreja forçosamente reagiu, formulando a doutrina sobre a divindade do Espírito Santo, já que, até meados do mesmo século, o tema divindade do Espírito não se havia feito em reflexão sistemática. Até então, falava-se sobre a ação do Espírito Santo, mas não do Espírito Santo.

A controvérsia sobre a divindade do Espírito está inserida entre grandes debates teológicos e querela política. Das tensões teológicas estão com certeza a questão Cristológica, suscitada por Ário (LACOSTE, 2004). E no plano político duas situações: a pretensa liberdade religiosa dada por Constantino e mais tarde Teodósio, o cristianismo será assumido como religião oficial do Império Romano.

É neste contexto que se encontra nosso tema em voga. A controvérsia sobre a divindade do Espírito Santo chegará ao seu ápice em 381, com o evento do segundo Concílio, em Constantinopla.

A CONTROVÉRSIA NO SÉCULO IV

O Século IV foi palco de grandes debates teológicos, nomeadamente de natureza trinitária, porque foi um tempo de acirrado debate teológico para elaboração e formulação da Cristologia (em relação à divindade de Cristo) à pneumatologia (em

relação a divindade do Espírito Santo), pauta do nosso tema. A reflexão sobre a divindade do Espírito Santo surgiu no movimento da celeuma cristológica, tornando-se, cada vez mais, pauta de enormes tensões no seio da Igreja. É a cristologia de Ário que tem maior implicação com o nosso tema. O arianismo deve-se a Ário, iniciado no Egito, possivelmente no início do século IV. Foi considerado heresia, porque pregava que somente o Pai é gerado, não criado. Este pensamento acabou, conseqüentemente, desvalorizando a divindade de Cristo (o Logos), que “não é, por sua vez, eterno, coeterno ao Pai, inciado, não gerado” (SESBOUÉ, p.157). Enfim, não considerando a divindade de Cristo. A doutrina de Ário foi terminantemente condenada no Concílio de Niceia e ratificada no Concílio de Constantinopla.

A Igreja, no tempo do Concílio de Niceia (325), já gozava de “certa” liberdade de culto por conta do Imperador Constantino (DANIELOU, p.261). Ele mesmo convocou este Concílio. E mais tarde o imperador Teodósio também convoca o segundo Concílio, o de Constantinopla (381). A liberdade religiosa instaurada no Império a partir de Constantino e sua oficialidade em Teodósio foram instrumentos importantes e interferiram diretamente nos debates teológicos do quarto século, pela causa da elaboração formal do Credo Cristão (Niceia-Constantinopla) por receio de que as demais tensões teológicas (Cristológica e pneumatológica) contaminassem a unidade do império. E, por vezes, misturava-se a unidade da igreja com unidade do império. Não foi surpresa Constantino e Teodósio serem os que convocaram os respectivos Concílios.

A doutrina de Ário considerava Cristo inferior ao Pai. Acabou por transformar-se em objeto de grandes debates antes, durante e depois de Niceia, estendendo-se até Constantinopla (381). Em Constantinopla (Concílio) o tema da divindade do Espírito Santo rendeu por sua vez acirrados debates, pois até meados do quarto século (350), a divindade do Espírito Santo não havia sido posta em questão. Era tida no máximo como pauta de devoção. Não havia um discurso formal e reconhecido pela Igreja sobre a personalidade do Espírito Santo (SESBOUÉ, p. 227).

Enquanto os conflitos sobre a divindade de Cristo eram tratados em Niceia (325) e ali encontrara seu encaminhamento, não ainda sua conclusão, a controvérsia sobre a divindade do Espírito Santo só estava começando. Niceia tocara na problemática da

divindade de Cristo e a problemática lançada por Ário. Mas, pouco tempo depois (360), surgiam dúvidas sobre a divindade do Espírito Santo. Tal doutrina fora disseminada na Ásia Menor e parte da África (Egito) e especialmente em Constantinopla.

Numa primeira tendência da não divindade do Espírito Santo, estão os Trópicos, que alegavam não encontrar nas Escrituras a geração do Espírito Santo, como está clara a geração do Filho. Os trópicos eram fiéis cristãos de Serapião, bispo de Thmuis, no Delta do Nilo (SESBOUÉ, p. 228), diziam que, se o Espírito Santo for divino, ou é gerado pelo Filho, então irmão de Jesus, ou se for gerado pelo Filho, o Pai é seu avô (SESBOUÉ p. 228). Também o Espírito Santo era uma criatura do Filho, portanto, foi criado num tempo. Ora, se para Ário e seus seguidores, Cristo não era Deus, para os “adversários” do Espírito Santo, também o Espírito Santo não era Deus. A não divindade do Espírito Santo causou impacto na Igreja e a reação da ortodoxia não tardou.

Macedonianos e Pneumatômacos tornaram-se grupos que tinham a crença de que o Espírito Santo foi uma criação do Filho, um servo do Pai e do Filho. Iniciada mesmo no século IV, pelo então Bispo Macedônio I de Constantinopla, professavam uma opinião semelhante à do arianismo, mas, aparentemente, negando a divindade do Espírito Santo. Foram considerados como uma seita herética pela Igreja dominante. Os membros da seita eram também conhecidos como pneumatômacos, os “combatentes do espírito”.

Foi necessária uma refutação categórica desta doutrina. Uma clara rejeição da Igreja foi dada por insígnies homens de fé. Destacamos: Atanásio e os padres capadócijs: Basílio, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nissa. Estes foram os maiores expoentes, contrários à tese da não divindade do Espírito Santo, propagada pelos combatentes do Espírito Santo.

ATORES EM DEFESA DA FÉ

Todos estes padres da Igreja: Atanásio e os padres capadócijs, procuraram preservar a Unidade da Trindade. Isto é, preservar a unidade entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Não há divisão na Santa Tríade. Santo Atanásio († 376) de Alexandria,

após defender com veemência a divindade de Cristo, diante dos danos causados à fé pelo arianismo, agora se vê impelido a defender a divindade do Espírito Santo, aplicando ao Espírito o que disse do Filho: porque a condição própria que reconhecemos [com a] do Filho a respeito do Pai, veremos que é precisamente a mesma que o Espírito possui a respeito do Filho (CONGAR, p. 57). No auge do Arianismo e após Niceia, por causa de sua intransigente defesa da Fé, foi exilado vários anos. Após seu exílio, não poupou esforços para novamente defender a consubstancialidade do Espírito Santo igual ao Pai e ao Filho. Ainda que não tenha participado do Concílio de Constantinopla, seu pensamento contribuiu para a resolução sobre a divindade do Espírito Santo em 381.

São Basílio († 377/379), um dos padres capadóciotes, na sua obra intitulada Tratado sobre o Espírito Santo, faz defesa categórica da divindade do Espírito Santo e continua na mesma linha de pensamento de Atanásio, dizendo: o Espírito pertence, em igualdade de dignidade, à Santa Tríade (CONGAR, p. 61). Foi São Basílio que argumentou em defesa da divindade do Espírito, lembrando o batismo cristão. O Batismo só é batismo cristão em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

Gregório Nazianzeno († 390) apresenta uma reação veemente contra o radicalismo de Macedônio. Tanto Macedônio e Eunómio, ambos pregavam a não divindade do Espírito Santo. Afirmavam que o Espírito era servo do Filho. De outro lado em defesa da divindade do Espírito Santo, Gregório Nazianzeno foi mais explícito e veemente ao manifestar a convicção na divindade do Espírito Santo e sem “escrúpulos” chama o Espírito Santo de homousios (SCHNEIDER, p. 448). Homousios tem o mesmo significado que substância ou essência.

Gregório de Nissa († 395) e Gregório de Nazianzo eram mais explícitos quanto a dizer sobre a divindade do Espírito Santo. Desta forma se distinguiram de Basílio. Gregório de Nissa deixava evidente e manifestava a Divindade do Espírito de forma clara. Neste aspecto os dois Gregórios eram semelhantes.

O CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA

Espalhada tal doutrina em várias regiões, a controvérsia sobre a divindade do Espírito Santo foi alvo de intensos debates, originando um dos principais fatores da convocação de outro Concílio, o de Constantinopla (381). O Imperador Teodósio, no oriente, sediado em Constantinopla, viu-se forçado a convocá-lo, justamente para dissipar tal heresia, temendo a divisão no império e o acirramento constante entre ocidente e oriente, por conta dos conflitos teológicos e acalorados debates entre heréticos e defensores de Niceia. Por este tempo, havia também certa disposição em reafirmar as conclusões de Niceia. Até meados do quarto século, ainda não se havia elaborado plenamente em discurso formal e universal (toda a Igreja) sobre a divindade do Espírito Santo. Mais do que uma reação, a Igreja se viu na necessidade de debater e refletir sobre a divindade da Terceira Pessoa Trinitária. Sobre a divindade de Cristo, certamente o Concílio de Niceia tratou e, em suas conclusões, considerou-o categoricamente como Deus, isto é, Jesus Cristo é Deus, tanto quanto o Pai, ou em outra linguagem, Jesus Cristo é consubstancial ao Pai. Quanto ao Espírito Santo, é no Concílio de Constantinopla que se leva a cabo o debate sobre sua divindade. Posta a questão, os conciliares chegaram à conclusão da divindade do Espírito Santo, reafirmando Niceia que já o havia considerado, ainda que menos elaborado.

Presentes no Concílio de Constantinopla, “Macedonianos e pneumatomacos”, foram anatematizados veementemente. Além de reafirmar Niceia, Constantinopla declarou que o “Pai, o Filho e o Espírito Santo são uma só divindade, poder e Substância, afirmando ao mesmo tempo a realidade das 3 hipóstases ou pessoa” (ALBERIGO, p.67).

O empenho e a coragem dos padres mencionados anteriormente formaram a base da convicção na divindade do Espírito Santo, obtida no Concílio em 381. E a formulação do artigo de Fé sobre o Espírito foi uma ratificação solene do que Atanásio e os padres Capadócijs elaboraram. Muitas comunidades de suas dioceses já a professavam. Assim definiu-se: O Símbolo de Constantinopla não mencionava explicitamente que o Espírito Santo era “Deus”, nem Consubstancial ao Pai, mas Senhor que dá a vida, e procede do Pai e como o Pai e o Filho é adorado e glorificado. Ele que falou pelos Profetas (ALBERIGO, p.67).

O Concílio de Constantinopla foi importante para a Igreja, para sua história. Porque além de confirmar Niceia (325), especificamente a Cristologia, a divindade do Filho, ainda tratou especialmente da Pneumatologia, a divindade do Espírito Santo.

A DIVINDADE DO ESPÍRITO SANTO NAS ESCRITURAS

Ao se examinar as Escrituras, pode-se ver que há um ensino claro e enfático da divindade do Espírito Santo. Por divindade do Espírito Santo, pode-se compreender a sua união na Trindade Divina. O Espírito Santo é um com Deus, pois faz parte da divindade, sendo coeterno, coigual, existindo consubstancialmente com Deus-Pai e Deus-Filho. Pode-se notar que todos os atributos de Deus são também referidos ao Espírito Santo, de forma livre e direta.

A ETERNIDADE

A Eternidade é atribuída ao Espírito Santo em referência à sua obra junto à redenção em Cristo, como na carta aos Hebreus 9:14: "...muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!" (Hebreus 9:14). No mesmo sentido, o Espírito Santo é o doador da vida eterna, conforme vemos no texto da carta aos Gálatas. "Porque o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna" (Gálatas 6:8). Em sentido condenatório, pode-se ver, no texto do Evangelho de Marcos, que o Nosso Senhor Jesus Cristo atribui ao Espírito Santo divindade, ao dizer que o pecado contra Ele teria como consequência a condenação eterna. "Qualquer, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo, nunca obterá perdão, mas será réu do eterno juízo" (Marcos 3:29). Há inúmeras passagens do Antigo Testamento que tratam o Espírito Santo como o Espírito de Deus, o Espírito do Eterno, o Espírito de Yahweh etc. Essas formas de nominar e tratar o Espírito Santo deixam claro que o Espírito é um com Deus e é eterno.

A ONIPRESENÇA

Quando falamos na onipresença, temos que deixar claro que esse atributo aponta para o fato de não haver espaço/lugar onde Deus não possa estar. Ele está em todo lugar e sempre presente. A presença de Deus é plena, perene e mantenedora do universo.

Do mesmo modo, ao Espírito Santo também é atribuída a onipresença, conforme o texto do Salmos 139 nos versos 7 a 10. “Para onde me irei do teu Espírito, ou para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, lá tu estás; se fizer no mais profundo abismo a minha cama, eis que tu ali estás também. Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, até ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá” (Salmos 139:7-10).

A ONISCIÊNCIA

A palavra onisciente é formada do prefixo de origem latina oni (omni), que significa todo, mais a palavra ciente(sciente), aquele que tem ciência de todas as coisas, que tem pleno e total conhecimento de tudo do passado, do presente e do futuro. Não há saber que não seja conhecido. Esse é, portanto, um atributo que só pode ser imputado a Deus, o Eterno e Absoluto. Tal atributo também é imputado ao Espírito Santo, como se pode verificar no texto de 1 Coríntios 2:10-11. “Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus” (1 Coríntios 2:10-11).

A ONIPOTÊNCIA

A palavra onipotente é formada do prefixo de origem latina oni (omni), que significa todo, mais a palavra potente (potens), aquele que é todo-poderoso. Com poder ilimitado e independente de qualquer outra força, poder ou ser. Nesse sentido, esse poder ilimitado é também um poder sobre todas as coisas existentes. Deus é ontologicamente onipotente, significando que a Sua existência é poder e Ele é poder

manifesto sobre o universo criado. Não é apenas uma possibilidade e uso de poder, mas um poder que é atuante de forma plena e eterna. O Espírito Santo, o Espírito de Deus, é onipotente, conforme a Palavra de Deus em Lucas 1:35 relatando a “encarnação” do Verbo, na concepção de Jesus Cristo. “E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus” (Lucas 1:35). Do mesmo modo, temos o seguinte verso, declarado por Nosso Senhor Jesus Cristo. “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo; e sereis minhas testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra” (Atos 1:8,9). Deve-se notar que todo o poder pertence a Deus. Dessa maneira, nas duas passagens acima, a doação do poder pelo Espírito identifica-O e qualifica-O como divino, pois só Deus poderia doar poder de vida. Todo o poder emana d’Aquele que é onipotente. O que não significa que a pessoa que recebe o poder se torne onipotente, mas recebe vida e virtude para testemunhar.

Por fim, deve-se salientar que o Espírito Santo é identificado com Deus em, pelo menos, duas passagens no Novo Testamento, sendo chamado de “Deus” e “Senhor”. “Disse então Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do preço da herdade? Guardando-a não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus” (Atos 5:3-4). “Mas, quando se converterem ao Senhor, então o véu se tirará. Ora, o Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor” (2 Coríntios 3:16-18). Assim, pelos atributos do Espírito Santo, apresentados na Bíblia, fica claro que o Espírito Santo é Divino, sendo coeterno, coigual e consubstancial na Trindade.

A DIVINDADE PROVADA POR MEIO DAS SUAS OBRAS

Em se tratando das obras do Espírito Santo que estão ligadas com o agir de Deus-Pai e Deus-Filho, é de suma importância que se entenda que não há individualidade de atuação, como se uma das pessoas da Trindade Divina pudesse atuar sozinha. Em

nenhum texto há atuação isolada, mas prevalência de uma das pessoas nos atos com todas envolvidas sempre. Assim, o Espírito Santo está eternamente em ação na divindade, em total harmonia e atuação com o Pai e com o Filho.

O ESPÍRITO SANTO É CRIADOR E DOADOR DA VIDA

Falar da participação do Espírito Santo na criação é identificar a sua ação específica junto à atuação do Pai e do Filho. As obras são indivisas, pois atuam juntos o Pai, o Filho e o Espírito Santo, contudo as ações são particulares. As pessoas da Trindade Divina são distintas, mas sem divisão em essência, pois têm a mesma essência divina. Como compreender tal afirmação? A única forma é reconhecer, na Bíblia, as indicações de atuação de cada uma das pessoas da Trindade em harmonia entre elas, verificando a unidade de essência, a ação conjunta e a diversidade de atuação. Pode-se pensar da seguinte forma, “Na narrativa bíblica...Encontra-se o Pai como a origem da criação, o Filho como o mediador e o Espírito Santo como quem leva toda a obra à conclusão”. Duas passagens do livro de Jó revelam bem a atuação do Espírito Santo na criação e como doador da vida “Marcou um limite sobre a superfície das águas em redor, até aos confins da luz e das trevas. As colunas do céu tremem, e se espantam da sua ameaça. Com a sua força fende o mar, e com o seu entendimento abate a soberba. Pelo seu Espírito ornou os céus; a sua mão formou a serpente veloz. Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos; e quão pouco é o que temos ouvido dele! Quem, pois, entenderia o trovão do seu poder?” (Jó 26:10-14). “O ESPÍRITO DE DEUS ME FEZ; E O SOPRO DO TODO-PODEROSO ME DÁ VIDA.” (JÓ 33:4). Como doador ou transmissor da vida, temos passagens, também no Novo Testamento, onde são registradas a atuação do Espírito Santo como transmissor da vida. “E, se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vocês, aquele que ressuscitou a Cristo dentre os mortos também dará vida a seus corpos mortais, por meio do seu Espírito, que habita em vocês” (Romanos 8:11). No mesmo sentido, temos no evangelho de João: “O Espírito dá vida; a carne não produz nada que se aproveite. As palavras que eu lhes disse são espírito e vida.” (João 6:63). Desse modo, podemos ver que o Espírito Santo é autor, juntamente com o Pai e o Filho, da vida física e da espiritual.

NA RESTAURAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA OBRA CRIADA

Desde o relato de Gênesis 1, vemos que há a atuação das pessoas da Trindade Divina. A ordem de desenvolvimento a partir do estado de caos original, sua ordenação e manutenção deram-se pela atuação, também, do Espírito Santo, conforme podemos verificar nos textos abaixo. “Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. Disse Deus: “Haja luz”, e houve luz.” (Gênesis 1:2,3). “Quando escondes o rosto, entram em pânico; quando lhes retiras o fôlego, morrem e voltam ao pó. Quando sopras o teu fôlego, eles são criados, e renovas a face da terra. Perdure para sempre a glória do Senhor! Alegre-se o Senhor em seus feitos!” (Salmos 104:29-31). Como podemos atestar dos versos acima, o Espírito Santo é o doador da vida, criador e agente da preservação do universo material criado juntamente com o Pai e o Filho.

NA SUA ATUAÇÃO NO HOMEM

No tocante à atuação na humanidade, o Espírito Santo se constitui como a força dinamizadora que, agindo no ser humano, leva-o a ter conhecimento de diferentes dimensões da vida e das relações humanas. A alteridade, o autoconhecimento e a atuação do homem no mundo são os primeiros resultados da ação do Espírito Santo. Nesse sentido, tem-se que o Espírito Santo promove, no processo de autoconhecimento, a necessidade do ser humano reconhecer suas limitações, confrontar as doutrinações e influências das estruturas institucionais em que está inserido, bem como da sua condição espiritual. Esse processo se dá pelo convencimento “do pecado, da justiça e do juízo”, conforme descrito nas Escrituras (São João 16:8).

REGENERA E SALVA

Quanto aos salvos, começando pela regeneração, passando pelo arrependimento, pela justificação, pela santificação até a glorificação, essa é a obra do Espírito de Deus. A obra primeira do Espírito Santo, para todos os que serão salvos, é a obra de

regeneração (São João 3:3-6), conforme está escrito: “se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. (...) O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito”. Essa foi a maneira que o Nosso Senhor Jesus Cristo tratou com Nicodemos. Ele disse: “quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus” (v.5). A partir da regeneração, desenvolvem-se as demais obras que compõem a salvação do homem. Ainda no mesmo Evangelho é dito que todos os que receberam a Cristo só o fizeram por terem nascido de Deus, como está em São João 1:12,13. Nem a etnia, nem a vontade do homem podem produzir um novo nascimento. A obra é atribuída tão somente a Deus, conforme podemos verificar nas seguintes passagens: São João 3:6; Efésios 2:1-5; São João 6:63; Romanos 8:9-10; Tito 3:4-6. Mais uma vez, deve-se ter em mente que toda a Trindade Divina está envolvida na obra de regeneração. Começando pela bondade e amor do Pai (São João 3:16 e Efésios 1:3-6), sendo sua obra de graça e amor. Em Cristo, o Filho, nosso Salvador que a toma para todos os pecadores, conforme Efésios 1:6. Finalizando com o “lavar regenerador e renovador do Espírito Santo” nas almas, como está em Tito 3:4-6. Assim, o Espírito Santo é a pessoa da Trindade que primeiro entra em contato com todos os que irão crer e ser salvos, aproximando-os ao Pai por adoção no Filho.

HABITA NO CRENTE

Após a regeneração e salvação, o Espírito Santo passa a habitar na vida do cristão. A despeito do grau de imaturidade ou fragilidade espiritual que a pessoa possa ainda ter, o Espírito Santo faz morada e continua Sua obra de tratar o crente. “Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? (1 Coríntios 6:19). “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Romanos 8:9).

INCLUI NO CORPO DE CRISTO

A Igreja, na sua constituição, teve como força criadora/iniciadora o Espírito Santo. Não obstante Jesus Cristo ter soprado o Espírito sobre os discípulos (São João 20:21-22), temos que a grande assembleia em Jerusalém, relatada no livro de Atos no

capítulo 2, marca o início da Igreja. Deve-se salientar que a manifestação do Espírito Santo na Igreja, relatada nas Escrituras, apresenta duas dimensões: uma coletiva e outra individual. Na manifestação coletiva o Espírito une e preserva a Igreja. Na manifestação individual ele inclui no Corpo de Cristo, que é a Igreja, conforme se pode verificar nos textos abaixo: “Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também. Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito” (1 Coríntios 12:12,13). “Mas recebereis poder do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e sereis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra” (Atos 1:8). Assim, antes de qualquer discussão sobre formalismos e denominações, é crucial que se entenda o que é Igreja. Deve-se, pois, compreender que esta é, mais do que uma organização religiosa, um corpo espiritual formado por pessoas que são renascidas em Cristo, pela ação do Espírito Santo. Como se pode verificar no texto da carta aos Efésios. “Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, Com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, Procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; Um só Senhor, uma só fé, um só batismo; Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos vós.” (Efésios 4:1-6). Desse modo, pode-se afirmar, com base no relato Bíblico, que a atuação do Espírito Santo é de iniciador da obra de salvação e inclusão no corpo de Cristo e é, também, Aquele que “sela”, “liberta”, “guia”, “ensina”, “inspira” e “capacita para toda boa obra (Efésios 1:13-14; 4:30; Romanos 8:2-14; 1 Tessalonicenses 1:5). Não menos importante, é o fato de ser, o Espírito Santo, Aquele que produz o Fruto das Graças Cristãs, o Fruto do Espírito, conforme explícito na carta aos Gálatas, capítulo 5 e verso 22. Sendo, assim, responsável por forjar o caráter de Cristo na vida de todo aquele que pertence a Cristo e faz parte do Corpo, os salvos em Cristo. “Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança” (Gálatas 5:22).

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO EM RELAÇÃO À PESSOA DE JESUS CRISTO

No tocante à obra do Espírito Santo em relação a Jesus Cristo, devemos atentar para o fato de que, desde a sua concepção (Lucas 1:5), na encarnação do Verbo Divino – Deus-Filho, na unção (Atos 10:38; Lucas 4: 14,18-19), até a sua ressurreição (Romanos 8:11) e glorificação – ascensão para a Destra do Pai, o Espírito esteve atuando. Quando o Nosso Senhor Jesus Cristo, no seu discurso final, declara que devia ser glorificado pelo Espírito, conforme está escrito em São João 16:14, Ele está reafirmando o poder e a atuação do Espírito de Deus em toda Sua vida. O Espírito Santo foi o responsável por unir o Filho à nossa humanidade para que pudesse pagar pelos nossos pecados, também O ressuscitou dos mortos e O glorificou com a glória que tinha antes da fundação do mundo, conforme podemos ver em São João 17:22-24.

PROVADA PELO MESMO GRAU DE AUTORIDADE NA TRINDADE

A prova que o Espírito Santo tem o mesmo grau de autoridade que o Pai e o Filho, na Trindade, é demonstrada em todas as passagens em que atuam o Filho e o Pai. Como já foi dito ao longo desse estudo, as obras da Trindade são indivisas e não há hierarquia, pois as Pessoas da Trindade possuem a mesma essência. Assim, na grande comissão, em Mateus 28:18-20, tem-se que: “E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém” (Mateus 28:18-20). Na mesma linha de autoridade, temos a atuação da Trindade na preservação e administração da Igreja, conforme os textos da Carta aos Coríntios e aos Efésios: “Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos.” (1 Coríntios 12:4-6). “Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, Com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, Procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação;

Um só Senhor, uma só fé, um só batismo; Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos vós.” (Efésios 4:1-6). E, por fim, na bênção apostólica, conforme está em 2 Coríntios 13:13 que diz: “A Graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todas vós”.

SUGESTÃO DE LEITURA – ARTIGO

11 características da personalidade do Espírito Santo. Artigo disponível em: <https://www.defesadafe.org > caracteristicas-espírito-santo>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afirmação da Divindade do Espírito Santo arrefeceu o conflito entre oriente e ocidente, amenizando em muito os conflitos gerados por esta controvérsia. Tal tensão vivida no quarto século é fruto e consequência da caminhada de Fé da Igreja. A convicção na Divindade do Espírito Santo e a formulação do símbolo de Fé é também uma consequência de longo tempo de reflexão sobre a Fé e de vários debates teológicos.

Entre rupturas, cismas, anátemas, exílios, um sem-fim de tensões políticas e teológicas, não conseguiríamos compreender a subsistência da Igreja se não pelo auxílio do Espírito Santo. A unidade e a comunhão na Igreja são obras do Espírito Santo de Deus. Sem esta ação divina do Espírito não haveria mais Igreja, no sentido pleno do termo. A Igreja já estaria desmoronada. É claro que o contexto do Evangelho é outro, mas a alusão à derrocada e ao fracasso de Jerusalém por não ter crido em Jesus e na sua pregação pode bem ser comparada com a possível falta do auxílio do Espírito Santo. É pertinente apontar e indicar efetivamente o papel e a importância do Espírito Santo para a consolidação e preservação da Igreja, sem a qual não sobraria pedra sobre pedra.

A controvérsia sobre a divindade do Espírito Santo foi um dos conflitos teológicos, dentre vários, ocorridos no século IV (d.C.) e estudado nessa Unidade. Esta controvérsia e o arianismo foram os destaques, num contexto de grandes conflitos teológicos e políticos e devido à instabilidade do império romano: seu apogeu e eminente declínio. Neste contexto desenvolveu-se a controvérsia sobre a divindade

do Espírito Santo, tema discutido em nossa Unidade de estudos. A presente Unidade abordou esta temática do conflito, bem como os agentes envolvidos, e do surgimento do Concílio convocado, especialmente em reação aos debates trinitário-teológicos da época, mas principalmente por causa da controvérsia sobre a divindade do Espírito Santo.

HORA DE REVISAR

Quando se examina as Escrituras, vê-se que o Espírito Santo é o consolador, vivificador, inspirador daqueles que O recebem. A relação do Espírito Santo com o Pai e com o Filho dá-se no sentido de harmonia e coparticipação na criação, no plano de Deus em Cristo e no homem em sua ligação com Deus. O Espírito Santo é, portanto, após a ressurreição, Deus presente e próximo da vida humana. Desse modo, diante do que está expresso na Bíblia, pode-se afirmar que “O Espírito Santo é Deus que, em Seu amor, age no mundo”. “...muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!” (Hebreus 9:14).

REFERÊNCIAS

ALBERIGO, Giuseppe. **História dos Concílios Ecumênicos**. 3. Ed. São Paulo: Paulus, 2005.

CONGAR, Y. **Creio no Espírito Santo. Vol. 3. O rio da vida corre no Oriente e no Ocidente**. São Paulo: Paulinas, 2005.

DANIELOU, Jean & MARROU, Henri. **Nova História da Igreja I. Dos Primórdios a São Gregório Magno**. Petrópolis: Vozes, 1966.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa**: Folha de São Paulo: Nova Fronteira, 1994.

LACOSTE Jean-Yves. **Dicionário Crítico de Teologia**. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2004.

SESBOUÉ, Bernard (dir.). **História dos Dogmas I. O Deus da Salvação**. Séc. I – VIII. São Paulo: Loyola, 2002.

SCHNEIDER, Theodor (org.). **Manual de Dogmática**. Vol. I. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

UNIDADE 2 - O ESPÍRITO SANTO E OS DONS NO NOVO TESTAMENTO

Objetivos:

- 1. Conhecer os dons espirituais dados pelo Espírito Santo conforme aparecem no Novo Testamento.**
- 2. Entender a importância dos dons espirituais para a Igreja, conforme orientam os escritores bíblicos.**
- 3. Mostrar as evidências da relevância dos dons espirituais aos cristãos atuais e conselhos sobre o uso adequado dos dons do Espírito para edificação da Igreja.**

Dando prosseguimento no tema Espírito Santo, vamos agora fazer uma análise dos dons espirituais e de sua importância para a Igreja, conforme orientam os escritores bíblicos, tendo como fundamento para estudo o Novo Testamento e, mais precisamente, as Epístolas de Paulo aos Romanos, 1 Coríntios, 2 Coríntios e Efésios. Essa análise culmina com as evidências da relevância dos dons espirituais aos cristãos atuais e conselhos sobre o uso adequado dos dons do Espírito para edificação da Igreja.

O ESPÍRITO SANTO E OS DONS ESPIRITUAIS

Para compreender os dons espirituais relatados como “dons do Espírito”, importante é reconhecer quem é a pessoa do Espírito Santo.

Quando Jesus consolava os Seus discípulos acerca do que iria acontecer com Ele e com os que Nele criam, pediu que eles não se perturbassem pois, mesmo não estando mais ao lado dos mesmos, não os deixaria sós: “E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade [...]” (Jo 14:16-17).

Ao afirmar que “o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo 14:26) Jesus declara que o Espírito Santo vem de Deus, diretamente. Paulo, em 1 Coríntios 6:19, afirma que o Espírito Santo provém de Deus. E, em diversas

passagens do Novo Testamento, o Espírito Santo é associado, diretamente a Deus, a Cristo (Ef 5:18; 2 Co 3:17; 1 Pe 1:11; Jo 15:26; Rm 8:2; Gl 3:14; 4:6; 1 Pe 4:14). Em Mateus 3:16 é descrito como o próprio “Espírito de Deus”.

Muitos interpretam que o Espírito Santo é algo inerente a Deus, uma energia, um fôlego, e que, ao ser enviado, parte do interior do Pai. Contudo, Ramos (2005) afirma que, assim como Jesus é tão divino quanto o Pai, e veio como o primeiro Consolador, o Espírito Santo também possui a plenitude da Divindade, como segundo Consolador.

Nisso atesta White (1997, p. 615), quando orienta: “O Consolador que Cristo prometeu enviar depois de ascender ao Céu, é o Espírito em toda a plenitude da Divindade, tornando manifesto o poder da graça divina a todos quantos recebem e creem em Cristo como um Salvador pessoal”.

Nesse sentido, como o Consolador enviado por Cristo, “o Espírito Santo é o representante de Cristo”, que O sucedeu para que “o Salvador fosse acessível a todos” (WHITE, 2004, p. 669).

Nas Escrituras, o Espírito Santo aparece como sendo Deus, como o Pai e o Filho o são (Mt 28:19; 2 Co 13:13; 1 Pe 1:2). E, pela referência grega, quando se trata de falar sobre o Espírito Santo, sempre se utilizam pronomes masculinos, indicando que “Ele é uma pessoa distinta tanto do Pai quanto do Filho (Mt 3:16; Lc 4:18; Jo 15:26; At 5:32; Hb 9:14). [...] O Espírito Santo é Deus, sendo denominado na teologia como a Terceira Pessoa da Trindade” (CONEGERO, 2017, p. 1).

Como pessoa distinta, o Espírito Santo possui atributos pessoais, como intelecto (Rm 8:27; 1 Co 2:10-13), vontade (1 Co 12:11) e emoções (Ef 4:30). Desse modo, conforme destaca Conegero (2017, p. 1), o Espírito Santo pratica ações que “refletem essa personalidade, pois Ele ensina, exorta, orienta, controla, testifica, repreende, intercede, tem ciúme etc. (Jo 14:26; 15:26; At 8:29; 13:2; 15:28; Rm 8:14,26; 1 Co 12:11; 1 Tm 4:1; Ap 22:17)”.

Embora para muitos cristãos o Espírito Santo tenha vindo a partir do Pentecostes, e somente então se manifesta na vida dos homens, Sua obra é destacada na Bíblia desde o princípio. Gênesis 1:1-2 declara que, quando Deus criou os céus e a terra, o “Espírito de Deus pairava por sobre as águas”. E, ainda em

Gênesis 6:3, Deus declara: “O Meu Espírito não agirá para sempre no homem [...]”, indicando claramente que o Espírito de Deus agia sobre o homem desde o início.

White (2007, p. 30), afirma a respeito:

Desde o princípio tem Deus operado por Seu Espírito Santo, mediante agentes humanos, para a realização de Seu propósito em benefício da raça caída. Isto se manifestou na vida dos patriarcas. À igreja no deserto, no tempo de Moisés, também deu Deus Seu "bom Espírito, para os ensinar". Ne. 9:20. E nos dias dos apóstolos Ele atuou poderosamente por Sua igreja mediante a instrumentalidade do Espírito Santo. O mesmo poder que susteve os patriarcas, que a Calebe e Josué deu fé e coragem, e eficiência à obra da igreja apostólica, tem sustido os fiéis filhos de Deus nos séculos sucessivos. Foi mediante o poder do Espírito Santo que na idade escura os cristãos valdenses ajudaram a preparar o caminho para a Reforma. Foi o mesmo poder que deu êxito aos esforços de nobres homens e mulheres que abriram o caminho para o estabelecimento das modernas missões, e para a tradução da Bíblia para as línguas e dialetos de todas as nações e povos.

Por meio do Espírito, portanto, os homens são dotados de poder para testemunhar e conduzir a Igreja de Cristo em direção ao Reino de Deus. Jesus já havia dado o Espírito aos Seus discípulos, antes mesmo do Pentecostes, quando apareceu aos discípulos (Jo 20:22). E, no Pentecostes, o Espírito Santo foi derramado sobre os que aguardavam a promessa do Consolador, recebendo, então, os dons espirituais. Os dons espirituais são dados para o avanço da causa do reino e foram confiados à igreja somente quando Jesus ascendeu ao Céu. Em Efésios 4:8 lemos: “Por isso, diz: Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativo e concedeu dons aos homens”.

De acordo com Moróz (2009, p. 4), o Novo Testamento apresenta duas palavras que se referem aos “dons espirituais”: *charismata* e *pneumaticon*. A primeira

se refere a algo recebido como presente, sem mérito próprio, mediante a graça divina, e a segunda pode ser entendida como algo que pertence ao Espírito de Deus, ao Espírito Santo. Este autor ensina que, *charismata* indica “manifestações de graça”, que pode ser traduzida como “dons”.

A análise do contexto paulino sobre dons espirituais leva a entender que: “Os dons do Espírito devem distinguir-se do dom do Espírito. Os primeiros descrevem as capacidades sobrenaturais concedidas pelo Espírito para ministérios especiais; o segundo refere-se à concessão do Espírito aos crentes conforme é ministrado por Cristo glorificado” (PEARLMAN, 2002, *apud* MORÓZ, 2009, p. 5).

Assim, segundo o Novo Testamento, o “dom do Espírito” se refere ao próprio Espírito Santo dado por Deus e por Cristo aos que creem, enquanto, os “dons espirituais” são habilidades, capacidades, dádivas, que o crente recebe do Espírito Santo com um propósito especial. Conforme destacam Grellmann e Lessa (2003, p. 281): “um dom espiritual é um atributo especial outorgado pelo Espírito Santo a cada membro do corpo de Cristo, como bons administradores da multiforme graça de Deus”.

No Novo Testamento são apontados diversos dons espirituais provenientes do derramamento do Espírito Santo sobre os cristãos. Ricci (2007, p. 57), aponta para quatro conjuntos de dons espirituais que são classificados nas Epístolas, a saber:

[O primeiro conjunto]: 1) apóstolo; 2) profeta; 3) doutores; 4) dons de operar milagres; 5) dons de curar; 6) socorros; 7) governos, dons administrativos; 8) variedade de línguas (I Coríntios, 1995, Cap.12 vers. 28). O segundo conjunto apresenta esses outros dons: 1) palavra da sabedoria; 2) palavra da ciência; 3) fé; 4) dons de curar; 5) operação de maravilhas; 6) profecia; 7) discernimento dos espíritos; 8) variedade de línguas; 9) interpretação de línguas (I Coríntios, 1995, Cap.12 vers. 8-10). O terceiro é assim organizado: 1) profecia; 2) ministério; 3) ensino; 4) exortação; 5) contribuição; 6) liderança; 7) misericórdia (Romanos, 1995, Cap. 12 vers. 6-8). Para finalizar, o quarto conjunto: 1) apóstolo; 2) profeta; 3) evangelista; 4) pastor; 5) doutor (Efésios, 1995, Cap. 4, vers. 11). (RICCI, 2007, p. 57).

Sobre os dons espirituais, o apóstolo Paulo assim se referiu: “A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes” (1 Co 12:1). E buscou esclarecer aos crentes que não andassem como antes, deixando-se conduzir como gentios, guiados, mas que procurassem o conhecimento acerca dos dons espirituais e do próprio Espírito Santo. Nesse sentido, afirma: “Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo” (1Co 12:4).

Na perspectiva paulina, procura-se esclarecer sobre os dons espirituais conforme estes são apresentados no Novo Testamento. Inicialmente, os dons são relatados e esclarecidos nos livros de Romanos 12:6-8, em 1Coríntios 12:6 -10; 28-30 e em Efésios 4:11.

OS DONS ESPIRITUAIS NO NOVO TESTAMENTO

Em Romanos 12:6-8, o apóstolo Paulo fala de diferentes dons espirituais:

Tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé; se ministério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se no fazê-lo; ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria. (ROMANOS 12:6-8, ARA).

Os dons destacados aqui, por Paulo, se referem a: Profecia; Ministério; Ensino; Exortação; Contribuição/liberalidade; Presidência/preside; Misericórdia/assistência aos necessitados.

Em 1 Coríntios 12:8-10, Paulo declara que o Espírito dá a cada um, dons diferentes, conforme a necessidade da Igreja e segundo o que Ele deseja:

Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; a outro, no mesmo Espírito, a fé; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; a outro, operações de milagres; a outro, profecia; a outro,

discernimento de espíritos; a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las. (1 CORÍNTIOS 12:8-10, ARA).

Destaca aqui o apóstolo dons espirituais como: Palavra da sabedoria; Palavra do conhecimento; Fé; Dons de curar; Operações de milagres; Profecia; Discernimento de espíritos; Variedade de línguas; Capacidade de interpretar línguas.

Em 1 Coríntios 12:28-30, Paulo acrescenta alguns detalhes acerca dos dons espirituais, destacando os seguintes dons que o Espírito pode distribuir aos crentes em prol do crescimento da Igreja:

A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. Porventura, são todos apóstolos? Ou, todos profetas? São todos mestres? Ou, operadores de milagres? Têm todos dons de curar? Falam todos em outras línguas? Interpretam-nas todos? (1 CORÍNTIOS 12:28-30, ARA).

Em vista de conceder subsídios para que a Igreja se mantenha e cresça, interna e externamente, o apóstolo destaca os principais dons necessários, a saber: Apóstolos; Profetas; Mestres; Operadores de milagres; Dons de curar; Colaboradores/socorros; Administradores/governos; Falantes de línguas; Intérpretes de línguas.

Em Efésios 4:11-12, Paulo confirma os dons espirituais mais relevantes ao crescimento e bom andamento da Igreja:

Ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo. (EFÉSIOS, 4:11-12, ARA).

Novamente, o apóstolo confirma os dons espirituais mais importantes para a

Igreja, tendo como escopo o “aperfeiçoamento dos santos [...], para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4:12). Esses dons são: Apóstolos; Profetas; Evangelistas; Pastores; Mestres.

Nos escritos do apóstolo Paulo constam cerca de 25 dons. No entanto, não dá para saber quantos dons são apresentados na Bíblia, pois o mesmo dom pode ter mais de um nome em grego. Por exemplo, as palavras usadas em grego, para o ministério de apoio ou ajuda podem ser *diakonos* ou *antilambanomai*, termos semelhantes em seu significado. Talvez sejam apenas um dom, ou poderiam ser contados como dois, mas, se cada palavra significa um dom diferente, um maior número de dons pode ser descrito na Bíblia. A respeito, Conegero (2017, p. 1) comenta que, as listas de dons espirituais apresentadas no Novo Testamento “são apenas representativas, ou seja, elas apenas trazem exemplos dos mais variados dons que o Espírito Santo concede à Igreja de Cristo”.

O que fica claro é que, os dons espirituais têm lugar de destaque nos escritos do apóstolo Paulo que não somente enumera alguns deles, mas também delinea claramente sua função: edificar a Igreja (1 Co 14:4,5,12,17,26). Nesse sentido, Grudem e Purswell (2001, p. 438), destacam que os dons que Paulo define em seus textos são diversificados e abrangentes para que a Igreja possa tanto edificar-se a si mesma quanto testemunha de Cristo ao mundo, servindo ao Reino de Deus:

Um dom é qualquer habilidade que é concedida pelo Espírito Santo e usada em qualquer ministério na igreja. Essa definição ampla inclui tanto os dons que estão relacionados às capacidades espirituais (como ensino, misericórdia ou administração) quanto os dons que parecem mais “miraculosos” e menos relacionados às capacidades naturais (como profecia, curas ou discernimento de espíritos). (GRUDEM e PURSWELL, 2001, p. 438). grifos do autor

Cada habilidade ou talento natural podem também ser convertidos pelo Senhor em dons espirituais. Os construtores do Tabernáculo no deserto (Êx 31.1-11) foram chamados e receberam habilidades especiais do Senhor. As habilidades dadas a esses homens eram aparentemente uma combinação de talentos naturais, enriquecidas pelas bênçãos de Deus e dons espirituais, como a capacidade de

ensinar, para que mais pessoas pudessem ajudar na construção do Tabernáculo. E White (2015, p. 327) confirma: “Os talentos que Cristo confiou a Sua igreja representam especialmente os dons e bênçãos conferidos pelo Espírito Santo”.

Os dons do Espírito são dados à Igreja, que é composta por pessoas de diferentes raças, classes, condições sociais e econômicas. A Igreja é chamada de “corpo de Cristo” e, como tal, o Espírito não distingue a quem vai aceitar, mas sim, como vai distribuir os dons, repartindo “a cada um como quer” (1 Co 12:11), em vista de que, “a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo” (Ef 4:7).

Paulo confirma a Igreja como um corpo e como o receptáculo do Espírito: “Pois em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito” (1 Co 12:13). “Ora, vós sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo” (1Co 12:27).

O corpo humano é utilizado no contexto bíblico para explicar como operam os dons espirituais. Apesar de o corpo humano ser complexo, todos os seus órgãos atuam em conjunto. Muitas funções são automáticas, contudo, é possível escolher utilizar ou não as mãos ou pés ou qualquer outro órgão. A Igreja funciona como um corpo humano e suas partes atuam em harmonia para realizar determinadas tarefas. O objetivo geral da Igreja é promover o avanço do Reino para a glória de Deus.

Assim, os dons dados aos crentes são funcionais, ou seja, devem servir a um propósito, de crescimento da pessoa e de crescimento da Igreja, para auxiliar a pregação do Evangelho e a salvação de almas. Paulo ensina que “a manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso” (1 Co 12:7), e que o crente deve procurar “progredir para a edificação da Igreja” (1 Co 14:12). No mesmo sentido, Pedro também salientou que os crentes devem servir “uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus” (1 Pe 4:10).

Dessa maneira, nenhum indivíduo na Igreja pode esperar receber todos os dons, isso não é bíblico. Eles são distribuídos como os órgãos no corpo humano. Esses órgãos reunidos fazem o corpo em seu todo. Os dons todos do Espírito são

encontrados com os diferentes membros da Igreja que, reunidos, fazem a Igreja como um todo. Paulo confirma esse pensamento:

Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros, tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé. (ROMANOS, 12:4-6).

Os dons fazem parte, portanto, do corpo de Cristo, a Igreja e são dados graciosamente a cada um. Nesse sentido, os dons espirituais podem ser permanentes, ou não. Quanto à permanência, ou validade dos dons na Igreja, Rice (2011, p. 684), explica: “Os dons espirituais (*charismata*) devem ser encontrados na igreja, até que Jesus venha”.

Segundo este autor, Paulo escreve sobre isso, em pelo menos três momentos. Primeiro, na introdução de 1 Coríntios (1:6-7), ele afirma que a Igreja, tendo sido enriquecida pela graça de Cristo, não sentiria falta de nenhum dom enquanto aguarda “a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo”. Paulo argumenta que os dons espirituais estariam em operação entre os que aguardam o retorno de Cristo, o Seu advento.

Em segundo lugar, Paulo afirma, em 1 Coríntios 13:9-10, que os dons espirituais não são totalmente perfeitos e permanentes em razão de nossa natureza humana. Segundo Paulo, os dons espirituais estão ligados ao nosso próprio conhecimento, que influencia em parte nos dons: “em parte conhecemos, em parte profetizamos” (1 Co 13:9). Mas, somente quando Cristo vier, a imperfeição será aniquilada e o que é perfeito será introduzido por Jesus, na ocasião de Seu retorno (1 Co 13:10). Contudo, até que Jesus retorne, os dons espirituais continuarão desempenhando seu papel oportuno na Igreja.

Em terceiro lugar, o autor destaca os ministérios espirituais pelos quais os dons espirituais funcionam. Esses ministérios foram dados à Igreja, de acordo com Paulo, “até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4:13). Porém, “isso só se realizará quando Jesus aparecer pela segunda vez para transformar este

‘corpo corruptível’ em ‘incorruptível’ e este ‘corpo mortal’ em ‘imortal’ (1Co 15:53)” (RICE, 2011, p. 684).

Em suma, pode-se afirmar que, os dons da Bíblia foram necessários para aquele tempo, poderão ser necessários para os dias de hoje e novos dons poderão aparecer conforme a necessidade da Igreja até ao Advento de Cristo. Considerando que existe uma “diversidade de dons” provenientes do mesmo Espírito (1 Co 12:4), e que esses dons estão ligados, também, aos frutos do Espírito, Paulo ensina um “caminho sobremodo excelente” que permanece sobre todo e qualquer dom: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor” (1 Co 13:13). E continua: “Segui o amor e procurai, com zelo, os dons espirituais [...]” (1Co 14:1).

Tendo em vista o conselho de Paulo, o cristão deve, antes de tudo, se posicionar perante Deus, a fonte do Amor e, então, o Espírito Santo poderá atuar mediante os dons espirituais que dá para edificação do crente e da Igreja. Nessa perspectiva, é importante conhecer os dons e defini-los com base na sua utilidade.

DEFINIÇÃO DOS DONS

Com base nas classificações paulinas dos dons espirituais é possível definir os principais dons que aparecem nos textos acima expostos, priorizando, nessa análise, a importância deles para o crescimento espiritual dos crentes e da Igreja.

Conhecimento e sabedoria

Em 1 Coríntios 12:8, Paulo afirma: “Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria; e a outro, segundo o mesmo Espírito, a palavra do conhecimento; [...]”. Algumas traduções trazem o dom do conhecimento como dom da ciência.

O dom do conhecimento pode ser definido como a especial habilidade dada a alguns membros do corpo de Cristo, mais do que a outros, para descobrir, acumular, analisar e ampliar as informações e ideias que são importantes para o crescimento espiritual da igreja e o bem-estar dos membros.

O dom da sabedoria pode ser definido como a especial habilidade dada a alguns membros do corpo de Cristo, mais do que a outros, para conhecer a mente do Espírito Santo de forma que essas pessoas tenham ideias de como melhor aplicar o conhecimento para atender a necessidades específicas do corpo de Cristo. Quem possui o dom da sabedoria sabe chegar à origem de um problema com rapidez. Essas pessoas possuem mente prática e sabem como resolver problemas. Elas têm pouca dificuldade para tomar decisões porque conseguem antever com boa precisão o resultado de suas decisões.

Um exemplo de quem tinha o dom da sabedoria entre os discípulos foi Estevão. Lucas relata um episódio em que, alguns da sinagoga “disputavam com Estevão. E não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com que falava” (At 6:8-10).

Nem toda a sabedoria é intelectual. No caso de Bezalel (Êx 31:1-6) e outros, os dons eram de natureza prática. O dom do conhecimento para entender os detalhes artísticos necessários à construção do Tabernáculo estava combinado com o dom da sabedoria para executar todo o plano de forma eficiente.

O apóstolo Paulo possuía esses dons, segundo ele mesmo declara em 1 Coríntios 2. Através do dom do conhecimento é que Paulo teve habilidade para reorganizar os fatos que aprendera antes da conversão e passou a utilizá-los de acordo com a sabedoria dada por Deus.

Entretanto, ele adverte que esse dom pode ser facilmente contrafeito: “o saber ensoberbece” (1Co 8.1). Isso porque, a sabedoria, a menos que esteja eternamente ligada ao conhecimento pessoal de Deus e Seus caminhos podem degenerar em autossuficiência e intriga. Por isso, ele adverte à Igreja que “habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria [...]” (Cl 3:16).

Milagres e curas

Na sequência da descrição dos dons, Paulo afirma: “Porque a um é dada, mediante o Espírito, a palavra da sabedoria [...]; e a outro, no mesmo Espírito, dons de curar; a outro, operações de milagres” (1Co 12:8-10).

O dom de milagres pode ser definido como a especial habilidade que Deus concede a alguns membros do corpo de Cristo para servirem como intermediários

humanos através dos quais Deus realiza atos poderosos no sentido de alterar o curso comum da Natureza. Moróz (2009, p. 26) salienta que: “Nem todo milagre é manifesto através de curas, no entanto, toda cura que se manifesta é considerada um milagre”.

O dom de curar também pode ser definido como a especial habilidade concedida por Deus a certos membros do corpo de Cristo para servirem como intermediários humanos através dos quais Deus cura enfermidades e restaura a saúde, independente do uso de recursos naturais.

As pessoas a quem o Espírito dá esse dom oram pelos doentes, de acordo com as instruções de Tiago 5.13-20, e estes ficam curadas. Alguns oram por milagres, como Elias, e os milagres acontecem. Essas não são pessoas poderosas, por si mesma, nem tampouco devem ser endeusadas, porque são homens, tal como a Bíblia diz que: “Elias era um homem semelhante a nós” (Tg 5:17).

Os milagres possuem um objetivo, servem para glorificar a Deus, como Jesus ensinou em João 11:4, e não estão à disposição do homem quando e como ele quer, mas atendem ao propósito divino. Nesse sentido, White (2004, p. 535) afirma que, “o que o poder humano pode fazer, o divino não é solicitado a realizar”.

Profecia e governo

Paulo descreve, em 1 Coríntios 12:28, que Deus estabeleceu na Igreja pessoas com diferentes dons: “A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas”.

Dentre esses dons, são abordados neste tópico o dom de profecia e de governo. No contexto de governo como dom, entende-se que este abrange o apostolado, os mestres, pastores, evangelistas e mesmo profetas, em virtude de que são dons relacionados ao ministério da Igreja, à liderança ou governança da Igreja. São dons ligados ao crescimento integral da Igreja que possibilitam o cumprimento da missão de expandir o Reino de Deus.

O dom de administração, ou governo, pode ser definido como a especial habilidade dada por Deus a alguns membros do corpo de Cristo para entender claramente o alcance dos objetivos mais amplos e formular planos com vistas a alcançar tais objetivos. A palavra grega correspondente a esse dom é *kubernesis* (1Co

12:28), nome pelo qual eram chamados os capitães de navio e, hoje, são chamados os pilotos de avião, na Grécia.

O dom de profecia é um dos mais citados na Bíblia e, segundo Paulo, um dos mais importantes no Novo Testamento (Rm 12:6-8; 1Co 12:10, 28; Ef 4:11). Pode ser definido como a especial habilidade que Deus concede a alguns membros do corpo de Cristo para receberem e comunicarem uma mensagem imediata de Deus a Seu povo através de uma forma divinamente escolhida.

O dom de profecia pode atuar por um curto espaço de tempo ou durante muito tempo. Simão, um sacerdote que havia orado muito para viver até que viesse o Messias, fez uma curta profecia sobre a vida de Jesus (Lc 2:25-35). E Ana, que fora uma profetisa por muito tempo, não fez qualquer profecia sobre o futuro, mas testemunhava diligentemente a todas as pessoas que se dispunham a ouvi-la (Lc 2:36-38). Simão foi profeta por pouco tempo e fez uma profecia preditiva.

Profecias são descritas por toda a Escritura e dela o apóstolo Pedro fala que: “nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens santos falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1:20-21).

Um profeta, de acordo com Moróz (2009, p. 21), é um “mensageiro de Deus”. Ele não se aplica a falar de si mesmo, não segue as inclinações de seu coração ou vontade, mas expressa a vontade e as palavras de Deus na forma humana. Ele é o instrumento de Deus para se comunicar com o Seu povo. Tudo o que o profeta fala deve estar em conformidade com a Palavra de Deus, em harmonia com as Escrituras. E é reconhecido por seus frutos (Mt 7:15-20). O autor ainda salienta que:

Os profetas de hoje parecem não ter a qualificação canônica, suas mensagens não substituem ou tem maior valor que a Bíblia, mas não são menos inspirados por isso. A diferença é funcional e a Bíblia é a autoridade maior da revelação, pois nela está Cristo Jesus. Aceitando estes conceitos parece claro que um profeta não pode ter autoridade acima da Bíblia. (MORÓZ, 2009, p. 26).

Por isso, o profeta deve ser avaliado em sua coerência com relação às Escrituras, em sua conduta e em seu propósito, se demonstram realmente o caráter

de Cristo, como João orienta, em 1 João 4:1-3; “Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo a fora”.

Línguas e interpretação de línguas

Entre os dons destacados por Paulo em 1 Coríntios 12:28 está o de variedade de línguas. O dom de línguas e de interpretação de línguas é apresentado por Paulo no verso 10 desse capítulo: “[...] a um, variedade de línguas; e a outro, capacidade para interpretá-las” (1 Co 12:10).

O dom de línguas pode ser definido como a especial habilidade que Deus concede a alguns membros do corpo de Cristo para anunciarem uma mensagem, em determinado contexto, através de um idioma até então não aprendido.

O dom de interpretação de línguas é mais do que a tradução de uma língua para outra. De modo geral, é a função equivalente ao dom de profecia. É a habilidade de passar uma mensagem divinamente inspirada em linguagem tal que as pessoas consigam entender.

Esses dons, como todos os outros dons do Espírito, são dados à discrição do Espírito, não do indivíduo, de forma seletiva. E Paulo fala, acerca do dom de línguas, que ele é apenas um dentre os vários dons, não superior aos outros (1 Co 12:28-31). Também enfatiza o apóstolo que, o Amor é maior do que o dom de línguas e o dom de profetizar (1 Co 13), que, o dom de profecia é mais desejável do que falar em línguas (1 Co 14:1-5, 9).

O dom de línguas e o dom de interpretação de línguas são considerados como dons missionários por causa da declaração de Paulo em 1Coríntios 14:22: “De sorte que as línguas constituem um sinal não para os crentes, mas para os incrédulos”.

Esses são dois dos dons que mais causam controvérsia, principalmente pela maneira como são utilizados nos círculos pentecostais e movimentos carismáticos. Embora Paulo esclareça a importância de todos os dons, o dom de línguas aparece em proeminência nesses círculos, destacando-se acima dos demais dons, em vista de ser considerado como evidência de que o crente foi batizado com o Espírito Santo. Alguns autores são enfáticos e contrários aos pentecostais. Nesse sentido, Nogueira (2009, p.7) diz que “em muitas igrejas, tem sido motivo de manipulação, a ponto de

muitos pentecostais e carismáticos tentarem se encaixar no comportamento de falar em línguas pela obrigação de se juntar ao grupo”.

Na perspectiva de dar continuidade à análise do dom de línguas, são apresentadas algumas evidências históricas que demonstram a manifestação de línguas em algumas religiões pagãs, o que fortalece aqueles que não aceitam a interpretação e práticas com o dom no movimento pentecostal/carismático.

AS LÍNGUAS NA HISTÓRIA E NAS RELIGIÕES PAGÃS

O objetivo deste tópico é demonstrar que o dom de línguas verdadeiro, dado pelo Espírito e em conformidade com o propósito de Cristo para Sua Igreja, concorre, ao longo da História, com manifestações não confiáveis, sendo praticado por religiões não cristãs. É responsabilidade do crente que busca a Verdade mostrar a realidade histórico-cultural que se utiliza dessa habilidade, tanto no seio da igreja cristã quanto no meio não cristão, para que o inimigo não engane aos escolhidos de Deus (2 Co 11:3-4; 14).

Assim, tendo em vista corroborar o ensino do Novo Testamento acerca dos verdadeiros dons do Espírito são apresentados alguns estudos que tratam do dom de línguas, estes, porém, analisados sob a ótica histórico-cultural das manifestações desse “dom” em religiões e culturas não cristãs, no intento de confrontar o que o Novo Testamento apresenta, conforme acima descrito, com o formato que o dom de línguas assume nas igrejas cristãs pentecostais.

Não se pode ignorar que, tanto o verdadeiro quanto o falso dom de línguas parecem ter ocorrido desde séculos antes de Cristo, conforme Gromacki (1972, p. 16-17), como também estavam presentes nos primeiros séculos da Igreja cristã, segundo registros de Cesareia (2000, p. 174 e 182).

A glossolalia, como é chamada essa manifestação do falar em línguas não naturais, está associada tanto a cultos pentecostais e carismáticos, quanto a cultos religiosos da África e da cultura indígena sul-americana. Para alguns, ao invés de ser um dom divino, pode ser considerada um “fenômeno patológico presente em alguns distúrbios psiquiátricos, ou mesmo exercida de forma lúdica, quando crianças ou adultos brincam com os sons da língua” (RODRIGUES, 2019, p. 213).

Tendo em vista as diferentes compreensões sobre o falar em línguas, se faz relevante analisar como esse “dom” se manifesta ao longo do tempo na história humana em comparação com o relato bíblico, de modo que, se possa entender adequadamente a manifestação dos dons do Espírito Santo atualmente, em especial o dom de línguas, à luz do Novo Testamento.

Conforme Ricci (2007, p. 55), a glossolalia é “um fenômeno catalisador de uma complexidade de relações simbólicas, portanto, culturais [...]”. Nesse sentido, analisar o falar em línguas na História e no pentecostalismo representa um passo importante para se alcançar a compreensão adequada sobre o dom de línguas manifesto entre os discípulos, no Novo Testamento.

O “balbuciar de palavras ou sons sem interconexão ou sentido” é um fenômeno que, segundo Nogueira (2009, p. 1) é encontrado “em diferentes períodos e lugares da história das religiões”.

Carvalhaes (2010, p. 43) expõe que essas manifestações são descritas desde o ano de 1.100 a.C., quando foi relatado que um jovem adorador do deus Amon, após oferecer sacrifícios, ficou possesso e começou a falar freneticamente. Platão também descreve o falar em línguas como uma “loucura” religiosa, a que ele chamou dádiva divina.

Oliveira (2009, p. 200), confirma que a origem pagã do falar em línguas foi registrada em tempos históricos remotos, mas declara que, o mais antigo relato ocorreu nos Oráculos de Delfos. O autor contextualiza essa manifestação da seguinte maneira:

A cidade grega de Delfos situava-se do lado noroeste a menos de 80 km do golfo da cidade de Corinto. Os Oráculos de Delfos floresceram no auge do período da cultura do grego clássico, no quinto século antes de Cristo, no tempo de Neemias em Israel, mas sua popularidade declinou apesar de ainda continuar vigente nos tempos do Novo Testamento. Neste tempo, havia o costume da população de consultar os oráculos em público ou particular para orientação de suas decisões. Esses gregos pagãos acreditavam que a guia divina repousava sobre os oráculos e assim podiam orientá-los nas decisões quanto ao casamento, negócios e estratégias de batalha. O

interessado primeiro passava por um ritual de purificação e oferecimento de sacrifícios. Depois era trazido para a presença de uma jovem mulher, uma sacerdotisa de Apolo, que dizia ser possuída de um espírito pitônico, nome de uma serpente que tinha sido esmagada por Apolo. (Compare com Atos 16:16). A sacerdotisa passava a questão para um profeta do templo. A jovem sacerdotisa sentia um estado de frenesi emocional e começava a falar em línguas, pronunciando palavras irreconhecíveis e extáticas. (OLIVEIRA, 2009, p. 200).

Sobre a manifestação do falar em línguas e entrar em estado de frenesi, Carvalhaes (2010, p. 43), comenta: “A profetisa de Delphos, quando fora de si, podia exercer grande influência benéfica sobre certos indivíduos”, embora fosse claro que ela falava e agia sob a posse do “espírito da serpente”.

Nogueira (2009, p. 3), apresenta as artes mânticas, assim como os oráculos, como elementos característicos da vida religiosa e social em todo o período greco-romano. A adivinhação e o transe eram comuns na comunicação do médium humano com a divindade. No caso da sacerdotisa Pítia (a profetisa de Delfos), esta “entrava em transe e, neste estado, proclamava seus oráculos em uma linguagem que parecia uma mistura de um grego truncado e incoerente e uma vocalização ininteligível”. Essa fala era “interpretada” por um profeta que transmitia ao inquiridor (pessoa que consultava o oráculo).

Outras manifestações de fala extática foram relatadas nas celebrações dionísicas, onde os adoradores de Dionísio entram em um frenesi, com gritos que invocam títulos alternativos para a divindade, e praticando danças enérgicas, com balanço frenético da cabeça e dos cabelos, sob o ritmo de tambores, címbalos e flautas. Os gritos são “invocações e aclamações que parecem estar na língua de origem dos membros do culto” (NOGUEIRA, 2009, p. 4).

Para Nogueira (2009, p.3) essas religiões mistéricas representam uma fonte importante para se compreender o fenômeno da glossolalia que ocorria na comunidade de Corinto. Ele explica que, no tempo de Paulo, a Igreja cristã estava crescendo em um meio que estava sendo alterado pela cultura greco-romana, e é por isso que a carta de Paulo aos coríntios foi tão enérgica a respeito dos dons espirituais,

visto que, os dons do Espírito ensinados pelos apóstolos se confundiam com as crenças e superstições populares próprias da cultura em que viviam.

A leitura preliminar de 1Cor 14,1-19 nos faz depreender uma divergência entre a concepção de Paulo acerca de profecia e fala inspirada e a compreensão dos coríntios. Uma das justificativas para tal divergência encontra-se na própria gênese do movimento cristão. Começando sua existência na Palestina Judaica, imersa por séculos nas tradições israelita-judaicas, cujo centro são as Escrituras, o movimento cristão emergiu como uma seita judaica, mas amadureceu em um contexto greco-romano, sendo profundamente alterado pela cultura e tradição ocidentais. Em pouco tempo, atraiu gentios de tal forma que, no fim do primeiro século, era em grande parte não-judaico. (NOGUEIRA, 2009, p. 3).

Assim é que, ao falar para os coríntios, Paulo precisou chamar a atenção deles para o “dom verdadeiro”, realmente dado pelo Espírito Santo. Moróz (2008, p. 37), explica que, embora não se saiba qual era o problema que ocorria na igreja de Coríntios quanto ao “falar em línguas”, parece que havia diferentes modalidades entre eles e, diferentemente do que ocorreu com os discípulos no Pentecostes, onde todos os que ouviam entendiam em sua própria língua, na igreja de Coríntios, eles falavam “em línguas”, mas não eram entendidos, falavam mistérios, consigo mesmo e com Deus (1 Co 14:2, 28). Não havia, portanto, um parâmetro que permitia a compreensão dessas línguas.

Paulo estabelece com clareza – parece-nos – a diferença radical que existe entre o “falar em línguas”, dom do Espírito que tem em vista a comunicação inteligível da mensagem de Deus aos homens de outras línguas, e o “falar em língua”, dos coríntios, constituindo numa torrente de *palavras misteriosas e ininteligíveis*, que não edificam a pessoa alguma e às quais ninguém podia dizer “Amém”, visto que não se entendia o que era dito (v. 16). (ZURCHER, 1977, *apud* MORÓZ, 2008, p. 37).

Ainda destaca Moróz (2008, p. 38), que a fala dos coríntios parecia muito com o “falar extático” observado entre os pagãos na antiga Grécia, nos cultos a Delfos, e observado atualmente nas igrejas carismáticas e pentecostais.

As manifestações do falar em línguas foram descritas ao longo da história cristã, nos registros dos Pais da Igreja. De acordo com Cavalcanti (2006, p. 6-10), a glossolalia é descrita desde o primeiro século entre os chamados Pais da Igreja. Segundo ele, essas “autoridades eclesásticas desfrutavam de elevada significância para os cristãos dos seus dias” e seus escritos possuem “relevância documental como indicador histórico” (p. 6) podendo ser um critério histórico de avaliação da glossolalia pentecostal.

Assim, nos séculos II e III, o autor aponta para ocorrências de fala extática não idiomática em Irineu (c.115-200), fato que ele não aprovava por se assemelhar a “algo sem sentido”. Este patriarca se refere ao dom de línguas dos apóstolos e de cristãos da sua época, que falavam “todos os tipos de línguas” para “benefício geral”.

Nesse período chamou a atenção um movimento que “envolveu um êxtase religioso, com elocuições não idiomáticas, semelhantes à glossolalia” (CAVALCANTI, 2006, p. 6), tendo como personagem principal Montano, um recém-convertido ao cristianismo (c. 150-200).

A respeito de Montano, Cesareia (2000, p. 182) escreveu que ele veio da vila da Mísia, na Frígia, quando grato era procônsul na Ásia, e tinha o desejo de assumir a liderança da Igreja. Ele “foi arrebatado no espírito, sendo levado a certo tipo de frenesi e êxtase irregular delirando, falando e pronunciando coisas estranhas, e proclamando que era contrário às instituições que prevaleciam na igreja, conforme transmitidas e mantidas em sucessão desde os primórdios”.

Conforme o Catecismo Didaqué (2004, p. 66), os seguidores de Montano se apresentavam como profetas. “Montano e suas profetisas (Maximila e Priscila) desenvolveram um culto com os dons carismáticos, anunciando de maneira extática a parusia como estando já próxima (a nova profecia)”.

Cavalcanti (2006, p. 7), afirma que

[...] o fenômeno linguístico montanista envolvia: (a) uma forte expressão emocional, deduzida das menções de “êxtase”, “frenesi” e delírio; (b) o texto indica uma linguagem não-idiomática, de

“balbucios”, e um falar “estranho”, “irracional”. Tomadas em conjunto, estas características assemelham-se à glossolalia pentecostal. A comparação torna-se tão evidente, ao ponto de o montanismo ser apelidado de “protótipo dos pentecostais”.

O montanismo gerou muitos adeptos, a exemplo de Tertuliano (150-220), que justificava o falar em línguas em salmos, em visão, em oração, em interpretação, o que, segundo Cavalcanti (2006, p. 7), “coaduna com a glossolalia pentecostal manifestada inclusive em orações e cânticos”.

A glossolalia praticada pelos montanistas coloca em dúvida a pretensão de se querer retornar à prática apostólica, em vista de que, Montano era, antes de se tornar cristão, um sacerdote pagão cibeliano e, como tal, exercia um “tipo de profecia”, tinha “visões extáticas e frenesis selvagens dos sacerdotes de Cibele”. E, “ao se tornar cristão ele deixou o paganismo, mas expressou sua nova religião da antiga maneira de pensar [...] e se alinhou com uma religião não cristã da mesma época” (CAVALCANTI, 2006, p. 8).

Cavalcanti ainda relata outros exemplos de pessoas ou registros históricos que tratam da manifestação do falar em línguas estranhas, êxtase, ou comentam sobre esse fenômeno. Contudo, com exceção de Orígenes (c.195-254) que se opôs a Celso por este falar em línguas incompreensíveis, os demais citados não relataram ocorrências e sim, comentaram acerca do dom de línguas, a exemplo de Arquelau (fim do segundo século), as Constituições dos Santos Apóstolos, a Didaquê Siríaca (segundo ao quarto séculos), Cirilo (c. 315-387), Gregório Nazianzeno (c. 330-390), Ambrósio (330-397), Crisóstomo (347-406), e Agostinho (354-430). Este autor ainda conclui afirmando que,

Philip Schaff reuniu doze credos do cristianismo desde *Inácio de Antioquia* (107) até as *Constituições* do quarto século. Algo a se notar neles é a completa ausência do dom de línguas e mesmo dos dons espirituais. Os credos mencionam o Espírito Santo, porém não exploram sua ação como doador de dons. Isto não exclui a crença nos dons espirituais naqueles séculos. Contudo demonstra que os dons, incluindo o dom de línguas não esboçavam qualquer centralidade, ou

mesmo relevância na época. Caso o dom de línguas fosse fundamental na doutrina apostólica como evidência do batismo do Espírito Santo, teria certamente teria feito parte destes credos. (CAVALCANTI, 2006, p. 10).

Na perspectiva histórica apontada é possível perceber que, embora os fenômenos do falar em línguas sejam descritos nos documentos eclesiásticos, estes estão relacionados a práticas pagãs e não a ensinamentos cristãos. Nos registros posteriores de pessoas que estudaram ou relataram sobre o dom de línguas, este se refere sempre ao que foi dado aos apóstolos para ensino e testemunho, como língua natural, não língua estranha ou incompreensível. E estudos mais recentes indicam que falar em línguas não está associado a uma prática exclusivamente cristã, sendo encontrado e praticado por grande número de pessoas e denominações não cristãs.

Entre os estudiosos dos movimentos pentecostais e carismáticos ao redor do mundo, alguns se destacam por analisar o fenômeno do falar em línguas. Spittler (1988, p. 336), escreveu um dicionário no qual trata exclusivamente sobre os Pentecostais e Movimentos carismáticos e diz que, o dom de línguas que se fala hoje não é limitado somente aos cristãos, nem mesmo é um comportamento religioso. O falar em línguas está presente em seitas e culturas diversificadas.

A pesquisa realizada por Goodman (1987, p. 564), sobre o dom de línguas falado atualmente pelas igrejas cristãs pentecostais e carismáticas foi comparada ao de outras comunidades não cristãs espalhadas pelo mundo. Conforme este autor foram registradas manifestações glossolálicas entre os não cristãos e, inclusive, pagãos, nas seguintes comunidades: os Inuits (Esquimós), os Saami ou Lapps (vivem no nordeste da Suécia) os Chukchis (vivem nas regiões geladas da Rússia, Sibéria e Alasca) os Khanties (Ostiaks, povos primitivos que vivem no noroeste da Sibéria) os Yakuts, (moram ao norte da Rússia, no círculo Polar Ártico) e os Evenkis, (povos indígenas que vivem na República da China).

O estudo concluiu que “eles usavam em seus rituais secretos a mesma linguagem que é intitulada pelas igrejas da atualidade como ‘dom de línguas’. Esta linguagem consistia em uma mistura de sílabas sem sentido da mesma forma como é feito pelas igrejas da atualidade” (GOODMAN, 1987, p. 564).

Outro estudo, feito por John Kildahl, realizado em 1972, concluiu que, do ponto de vista linguístico, a língua falada nas igrejas cristãs é reconhecida como o "dom de línguas" tem as mesmas características que as das religiões pagãs quando estão em seus rituais não cristãos. Kildahl comparou a glossolalia religiosa com as não religiosas e concluiu que se trata do mesmo fenômeno. Segundo ele, fica evidente que o falar em línguas também é praticado por não religiosos, incluindo ateus e gnósticos. Em outras palavras, a moderna prática do "falar em línguas" não é restrita somente a pessoas religiosas, se estende a diferentes grupos, como um fenômeno humano não limitado ao cristianismo nem exclusivo às religiões, contudo, idêntico em todos esses grupos (KILDAHL, 1972, p. 81).

De acordo com Thomas (1988, p. 383), o falar em línguas moderno está presente em religiões não cristãs tais como o Budismo e o Hinduísmo. E May (1986, p. 54), descreveu esse comportamento em religiões não cristãs na Malásia, Indonésia, Sibéria, China, Japão, Korea, Arábia, Burna, entre outros lugares, bem como, está presente de forma extensiva em inúmeras religiões tribais africanas.

A pesquisa de May comparou, extensivamente, o "dom de línguas" falado nas igrejas modernas com o fenômeno encontrado no Japão, em grupos não cristãos, sendo observadas as mesmas características. O falar em línguas e o comportamento extático podem ser vistos em pequenos grupos cúlticos em Hokkaido e no nordeste de Honshu, sendo lá conhecidos como *Dancing Religion*. O fenômeno da glossolalia ocorre frequentemente durante as cerimônias feitas por Guenji Yanagida, da cidade de Moji, Fukuoka Prefecture, e outros grupos similares (MAY, 1986, p. 55).

O estudo de Goodman (1987, p. 565), registra casos de glossolalia na Etiópia, onde, durante o culto de Zâr, os sacerdotes falam para zârs (espíritos) na mesma linguagem observada entre os cristãos pentecostais e carismáticos.

Goodman descreve os rituais de possessão que ocorre com frequência quando o falar em línguas acontece nas religiões e culturas pagãs ou não cristãs, e percebeu que, na possessão, quando uma entidade de dimensão espiritual penetra na pessoa, esta experimenta o espírito não como personalidade, mas como poder. Há registros disso em várias regiões da África, ilhas de Trobriante e Voodoo Haitiano e, em todos, o dom que recebem durante a possessão se identifica com o "dom de línguas" falado pelas igrejas pentecostais. Ambos estão associados com o espiritualismo, e a

glossolalia espiritualista praticada por médiuns está associada com as praticadas pelos pentecostais. (GOODMAN, 1987, p. 336).

Os estudos conduzidos pelo professor William J. Samarin (1972, p. 186), do departamento de linguística da Universidade de Toronto, somados aos estudos dos sociolinguistas H. Newton M. Malory e A. Adams Lovekin's (1955, p. 38) e de Felicitás R. Goodman, concluíram, mesmo sem terem conhecido os trabalhos uns dos outros, que o moderno "dom de línguas" falado por pentecostais, cristãos e pagãos não apresentam distinção. Todas as suas formas são idênticas: a estrutura das palavras e expressões, sons, sílabas, ritmos, acentuação, entonação e reação emocional (GOODMAN, 1987, p. 563-564). Goodman acrescenta que este pode ser um comportamento aprendido pelos que convivem no meio, seja a língua falada numa comunidade crista ou não cristã (pagã).

Nogueira (2009, p. 4), ao comentar sobre a pesquisa de Felicitás R. Goodman, afirma que, "Goodman, ao tentar transcrever as gravações em áudio do material coletado em sua pesquisa de campo, concluiu que a glossolalia é uma língua desconhecida, que lembra o som de instrumentos musicais tocados sem harmonia". E, estabelecendo um paralelo com a glossolalia, se torna difícil descrever o conteúdo inteligível dos que falam em línguas.

Essa observação é compartilhada também por Kildahl (1972), em cuja pesquisa com várias igrejas cristãs que apresentam o "dom de línguas", tendo como objetivo investigar sobre a interpretação e como esta ocorre. A pesquisa de Kildahl realizou entrevistas com pessoas de uma determinada igreja pentecostal, as quais foram chamadas a interpretar o que o falante, a pessoa que recebia o dom de falar em línguas, estava dizendo à igreja. Assim, diferentes membros da mesma igreja, que diziam possuir o dom de interpretar línguas, foram convidados a interpretar o que um dos membros que falava em línguas dizia. Foi observado que cada um deu uma interpretação diferente da que o outro tinha dado, o que levou o pesquisador a concluir que não havia harmonia na interpretação, não sendo esta, portanto, confiável como um dom espiritual (GERHARD, 1994, p. 17-37).

Sobre o exposto, é possível concluir que a prática moderna de "falar em línguas" entre os pentecostais e carismáticos apresentam similaridades e identificação entre os opostos religiosos, entre cristãos e não cristãos. Assim, é plausível questionar

se esse fenômeno glossolálico vem, realmente, de Deus, em vista do que se observa entre as diferentes culturas e religiões não cristãs, ateus e pagãos. Nesse caminho se posiciona Ricci (2007, p. 58), quando afirma:

Tal qual é conhecido no Pentecostalismo, o fenômeno da glossolalia é o entrelaçamento, de fio a fio, de uma complexa trama social, caracterizando o dom como uma quebra de fronteira entre a magia e a religião. [...] o dom é ao mesmo tempo um fenômeno mítico e mágico.

Assim, é imprescindível que os estudiosos do assunto reflitam sobre algumas questões pertinentes, quais sejam: Se o "dom de línguas" é uma característica cristã por que cristãos e não cristãos falam exatamente da mesma maneira? Se o "dom de línguas" moderno tem origem no Espírito Santo, como pode ser praticado por religiões pagãs e não cristãs igualmente? Está o Espírito Santo falando através de sacerdotes pagãos, shamans e médiuns de diversas seitas? Isto conduz, conforme Cavalcanti (2006, p. 11), a "uma reavaliação da noção pentecostal da glossolalia como 'evidência' da plenitude do Espírito Santo no crente". O autor ainda salienta que,

A glossolalia pentecostal requer um questionamento sério como herança apostólica, devido à ausência de apoio e à reprovação no material patrístico. O peso dos relatos históricos chega a alinhar a glossolalia pentecostal a fenômenos não cristãos de êxtase, com feições antropológicas identificadas em pesquisas científicas atuais. (CAVALCANTI, 2006, p. 11).

Em vista desses questionamentos, o presente trabalho/conteúdo da disciplina PNEUMATOLOGIA, sugere que o aluno/a busque estudar e chegar as suas próprias compreensões e conclusões a respeito do que foi aqui apresentado. Que todos os estudantes possam refletir sobre o dom de línguas, as formas como os dons espirituais se manifestam nas igrejas pentecostais e, sobretudo, como o cristão "cheio do Espírito" é chamado, no Novo Testamento, a se apresentar diante de Deus e dos homens.

SUGESTÃO DE LEITURA – LIVROS

Três livros que tratam dessa polêmica, envolvendo os dons e especialmente o dom de línguas, são recomendados:

BRUNER, F. Dale. **Teologia do Espírito Santo**. São Paulo, SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1986.

XAVIER, Érico Tadeu. **A Teologia do Batismo no Espírito Santo**. Joinville, SC: Clube de Autores, 2024.

XAVIER, Érico Tadeu. **O dom de línguas no Novo Testamento**. 2. ed. Joinville, SC: Clube de Autores, 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se ao longo desta Unidade 2 o estudo sobre os dons concedidos pelo Espírito Santo. De acordo com São João 4:24 “Deus é fonte dos dons espirituais que transcendem toda maneira de ser das coisas”. Ao se pedir a intervenção do Espírito Santo pelos dons, observa-se que esta ocorre de duas diferentes formas, são elas: quando o ser humano se coloca sobre a ação do Espírito Santo pedindo a ele que se comunique e atue de uma sobrenatural e ainda, quando há a ampliação dos horizontes no que tange as capacidades humanas.

Passamos a conhecer os dons espirituais dados pelo Espírito Santo conforme aparecem no Novo Testamento e a entender a importância dos dons espirituais para a Igreja, conforme orientam os escritores bíblicos. Tentamos através da Unidade 2 mostrar as evidências da relevância dos dons espirituais aos cristãos atuais e conselhos sobre o uso adequado dos dons do Espírito para edificação da Igreja. A grande polêmica ficou por conta das interpretações do dom de línguas. Autores divergem sobre o dom de línguas e pesquisadores e historiadores fala do uso das línguas ao mesmo tempo nas igrejas carismáticas e pentecostais, bem como em religiões pagãs. O autor desse conteúdo sugere que os estudantes analisem e tirem as suas próprias conclusões.

HORA DE REVISAR

O Espírito Santo é tão soberano que concede dons à igreja e os distribui de acordo com a Sua vontade (I Cor. 12:4-11). E mais: “o vento sopra onde quer” (João 3:8). O Novo Testamento diz que o Espírito Santo não somente é soberano para falar (Apoc. 2:7), interceder (Rom. 8:26), ensinar (João 14:26), guiar (Rom. 8:14), etc., mas que Ele é Deus (Atos 5:3 e 4).

O Espírito Santo, portanto, não pode ser colocado numa caixa ou ser programado como um computador. Ele deseja manifestar a Sua soberania e poder para atingir os não alcançados pelo evangelho eterno. É possível que os crentes se tornem arrogantes, autoconfiantes e insensíveis aos atos soberanos do Espírito do Senhor.

A igreja precisa tomar cuidado para não limitar a atuação do Soberano. As atividades da igreja devem ser as mais variadas possíveis e não poucas. Não pode focalizar uma atividade ou ministério como se isso fosse a única coisa que deve ser feita. Por exemplo, quando determinada igreja enaltece a música, aponto de esquecer outras áreas, pode estar limitando a atuação do soberano Espírito do Senhor.

De vez em quando, surgem programas, atividades e métodos interessantes e bons. Muitos ficam fascinados pelas novidades. Para outros, o novo é o que vale e é defendido com considerável emoção, se contrariado. Fica mais complicado ainda quando todos devem aderir ao programa, mesmo quando em determinado contexto não funciona ou não encontra receptividade. Aqui a soberania do Espírito Santos não é respeitada. Se os membros da igreja devem encontrar realização pessoal no ministério, então devem ter ao seu dispor múltiplas opções de ministérios. A igreja também deve adaptar-se ao fato de as pessoas criarem tipos de ministérios nos quais possam atuar conforme seus dons.

Mesmo os bons programas devem ser flexíveis e não rígidos, para que o Espírito Santo possa atuar e usar com criatividade os membros envolvidos no trabalho. Por outro lado, vínculos emocionais não deveriam impedir que um programa ou projeto que não esteja dando resultados em determinado contexto, seja descartado. Respeitar a Soberania do Espírito Santo é fundamental. E os dons por Ele concedidos devem ser usados para a edificação do povo de Deus e para o bem da sociedade.

REFERÊNCIAS

CARVALHAES, Sueli Aparecida Cardozo. Glossolalia: o dom includente do Espírito Santo. **Revista de Estudos da Religião**, p. 42-61, jun. 2010.

CAVALCANTI, Diogo. **Dom de línguas: contraste entre o pentecostalismo e os pais da igreja**. Kerygma, a. 2, n. 1, p. 59, 1º. sem. 2006.

CESAREIA, Eusébio de. **História eclesiástica**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

CONEGERO, Daniel. Quem é o Espírito Santo? Ele é Deus? Estudo sobre o Espírito Santo. **Estilo Adoração**, 2017. Disponível em: <https://estiloadoracao.com/quem-e-o-espirito-santo/>. Acesso em: 22 mar. 2021.

DIDAQUÉ. **Catecismo dos primeiros cristãos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GERHARD, Hasel F. Speaking In Tongues. **Biblical Speaking in Tongues and Contemporary Glossolalia**. Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society Publications, 1994.

GOODMAN, Felicitas D. Glossolalia. **The Encyclopedia of Religion**. Ed. Mircea Eliade. New York: Macmilan Publishing Company, 1987.

GRELLMANN, Hélio L.; LESSA, Rubens S. (Ed.). **Nisto cremos: 27 ensinamentos bíblicos dos adventistas do sétimo dia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

GROMACKI, Robert Glenn. **Movimento moderno de línguas**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1972.

GRUDEM, Wayne; PURSWELL, Jeff. (Ed.). **Manual de teologia sistemática: uma introdução aos princípios da fé cristã**. São Paulo, SP: Vida, 2001.

KILDAHL, John P. **The psychology of speaking in tongues**. New York: Harper e Row, 1972.

MALHEIROS, Isaac. Culto da “carne santa”: uma cópia de métodos. **Música e Adoração**, 4 jul. 2012. Disponível em <https://musicaeadoracao.com.br/28860/culto-da-carne-santa-uma-copia-de-metodos/>. Acesso em: 24 agosto. 2024.

MALONY, H. Newton; LOVEKIN, A. Adams. Glossolalia. **Behavioral Science Perspectives on Speaking in Tongues**. New York: Oxford University Press, 1955.

MAY, L. Caryle. A survey of glossolalia and related phenomena in non-christian religions. In: MILLS, Watson E. **Speaking in Tongues: A Guide to Research on Glossolalia**. W.B. Eerdmans Pub. Co. 1 jan. 1986. p. 53-82.

MORÓZ, Michel Wésley. A atuação do Espírito Santo através dos dons sobrenaturais. **Kerygma**, a. 5, n. 2, p. 197-198, 2º sem. 2009.

NOGUEIRA, Sebastiana Maria. A glossolalia (falar em línguas) no cristianismo do primeiro século e o fenômeno hoje. Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH**, Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009.

OLIVEIRA, Orlando J. **As igrejas protestantes e pentecostais**. Niterói, RJ: Editora Ados, 2009.

RAMOS, José Carlos. Uma pessoa maravilhosa chamada Espírito Santo. **Parousia**, Unaspress, 2º sem. 2005.

RICCI, Maurício. Glossolalia, iniciação e alteridade no pentecostalismo. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 16, p. 55-74, 2007

RICE, George E. **Tratado de Teologia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

RODRIGUES, Rodrigo Reis. "Glossolalia intensiva": abordagem fonoarticulatória em processos criativos da vocalidade nas artes performativas. **Rebento**, São Paulo, n. 10, p. 211-238, jun. 2019.

SAMARIN, William J. **Tongues of Men and Angels. The Religious Language of Pentecostalism**. New York, 1972.

THOMAS, Edgar R. **The cessation of sign gifts**. Biblioteca Sacra 145, 1988.

SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd. **Portadores de luz**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2009.

SPITTLER, Russell P. Glossolalia. **Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements**. In: BRUGESS, Stanley M.; MCGEE, Gary B. (Eds). Grand Rapids, MI: Zondervan, 1988.

WHITE, Ellen G. **Evangelismo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

WHITE, Ellen G. **O desejado de todas as nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, Ellen G. **Atos dos apóstolos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, Ellen G. **Parábolas de Jesús**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015.